

# rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

Uma publicação da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #03 JUNHO/2021



**Barrar a regressão social,  
conquistar uma vida digna**

Leia o editorial na página 2

**Condições econômicas e  
perspectivas políticas:  
crise, desemprego,  
mortes e eleições**

Página 4

**Desemprego, violência,  
pandemia: mais mulheres  
jogadas à prostituição**

Página 7

**Como no Jacarezinho,  
polícia segue a matar a  
juventude pobre e negra**

Página 6



**Israel impõe  
genocídio na Palestina**

Página 7

**OS TRABALHADORES BRASILEIROS E AS  
SUAS TAREFAS NAS LUTAS DE CLASSES**

Página 3

# Barrar a regressão social, conquistar uma vida digna

Os jovens brasileiros, até uns 30 anos atrás mais ou menos, ao procurar se empregar, em geral conseguiam. Se tivessem escolaridade razoável, encontravam um emprego com um salário definido e alguns direitos trabalhistas garantidos.

De uns tempos para cá, mesmo com boa escolaridade, os jovens estão sendo constrangidos a aceitar subempregos, praticamente sem direitos.

Não queremos dizer com isso que tudo ia bem para os trabalhadores até os anos 80. Havia muitos problemas, o analfabetismo era muito maior e o acesso geral aos serviços de Educação e Saúde era bem menor. No entanto, os avanços que ocorreram de lá para cá são bem maiores no papel do que na prática e em muitos aspectos regredimos. Por quê?

O progresso tecnológico, para os trabalhadores, tem significado jornadas maiores e mais intensas e não o contrário, como poderia ser. A legislação trabalhista que protegia os trabalhadores vai sendo eliminada. De um sistema de educação em boa parte precarizado, privatizado e voltado aos interesses da burguesia, os jovens proletários só podem participar parcialmente, uma vez que, ainda crianças, precisam dividir o tempo dos estudos com jornadas de trabalho, domésticas ou não.

O acesso aos serviços de saúde também é bastante parcial para a classe trabalhadora, uma vez que as pessoas da nossa classe, em geral, só buscam esse serviço quando já estão doentes, até porque as condições de vida que temos propiciam o adoecimento e não a sua prevenção. Também nessa área verifica-se uma regressão enorme e o tratamento dado à pandemia do coronavírus por parte dos governos está aí para demonstrar.

O SUS – Sistema Único de Saúde – conquista importante das lutas populares em nosso país, sofre desde a sua criação com o boicote da parte dos governos que buscam empurrar as pessoas para os grupos privados de saúde. Sem o SUS e a dedicação dos seus trabalhadores, a parcela mais empobrecida do povo não teria nenhum atendimento em saúde.

Não vamos nos alongar aqui em descrever tantos retrocessos na área da cultura, do lazer, do transporte público e em tantas outras esferas, essenciais para uma vida saudável. Uma parte considerável do povo brasileiro simplesmente não tem acesso a eles. Por quê? Das respostas que dermos a estes porquês, depende a solução dos problemas que enfren-

tamos. Como já tivemos oportunidade de escrever aqui mesmo neste espaço, alguns naturalizam a tragédia social, colocando a culpa nas pessoas que as sofreriam por sua própria incapacidade. Outros sobrenaturalizam essa tragédia e colocam as esperanças numa reconciliação do ser humano com o divino. Não devemos esquecer também o papel da academia neste processo de justificação dos retrocessos verificados nas últimas décadas. Muito se escreveu e ainda se escreve sobre o fim da “centralidade do trabalho” no processo produtivo, sobre o fim do “compromisso fordista” e coisas assim.

Nós pensamos de outra forma e entendemos que o que desencadeou os enormes retrocessos sociais foi uma inversão na relação das forças políticas e sociais em favor da burguesia, conforme registramos em outro lugar. “No final do século XX, a vitória da contrarrevolução capitalista determina o fim do bloco socialista. Tal fato foi festejado pela burguesia e anunciou-se o fim da luta de classes; o fim das ideologias; ou mesmo o fim da História! Segundo os apologistas dessa nova ordem mundial, incluindo aí parcela significativa da esquerda, entraríamos numa era de paz e progresso. Nada disso se verificou e as consequências não se fizeram esperar”.

Henri Aleg descreveu parte dessas consequências em “O Grande Salto Atrás”, afirmando que na ex-URSS, em pouco tempo, a expectativa de vida caiu dez anos. A subalimentação, num mundo que produz cada vez mais alimentos, ameaça boa parte da humanidade. Mais da metade do povo brasileiro corre risco de passar fome, mas as privatizações e os ataques aos direitos dos trabalhadores continuam. O auxílio-emergencial foi reduzido e o dinheiro público, em sua maior parte é direcionado a pagar juros aos especuladores que emprestam ao governo, sob os aplausos de muitos.

Do que foi dito até aqui, conclui-se que, se o capitalismo teve uma cara mais humana ao longo do século XX, não foi por méritos próprios, mas sim porque foi obrigado a isso por um forte movimento comunista internacional, que organizava partidos revolucionários em cada país, para levar a cabo a revolução. A burguesia nesse período teve que ceder os anéis para não perder os dedos, mas quando se viu livre desse constrangimento, trata de reaver tudo o que cedeu.

É justamente essa profunda regressão social que obrigou o proletariado de todos os países e as demais camadas exploradas do

povo a desenvolver lutas heróicas, como as que ocorreram ainda nos anos 90 do século passado e outras tantas desde então. Lutas contra o fim dos direitos trabalhistas e contra as privatizações e desnacionalizações, contra as ocupações e intervenções imperialistas, contra as ameaças e ingerências à soberania dos povos. Em 2019 tivemos, na esteira dessa resistência, verdadeiras insurreições no Chile e no Equador. Ano passado o proletariado indiano organizou uma greve geral com ampla repercussão. Esse ano foi a vez do povo paraguaio se insurgir contra a oligarquia que dirige o país, o mesmo ocorre no Haiti. Por estes dias também o povo colombiano se levantou contra um pacote do governo que pioraria ainda mais suas já precárias condições.

No Brasil também desenvolvemos uma importante resistência ao fim da aposentadoria para os trabalhadores, que é a consequência prática das reformas em andamento em nosso país.

Devemos saudar e apoiar com todas as nossas forças essas lutas. Mas, em nossa opinião, elas ainda esbarram no limite de serem lutas defensivas, desligadas da luta pela revolução que coloque a possibilidade de mudanças estruturais que, de fato, melhorem as condições de vida da maioria do povo. Tais lutas se chocam na domesticação de vários partidos ditos comunistas, na política dos partidos reformistas que desencoraja os trabalhadores, desorganiza-os, rebaixa seu nível de consciência e no papel que cumpre as centrais sindicais pelegas.

Nos dias de hoje, os revolucionários tem diante de si o desafio de reconstruir o seu partido, e juntamente com os setores patrióticos da sociedade brasileira, desenvolver a luta de resistência contra os ataques que temos sofrido, ligando-a com a luta pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários, pela reforma agrária, por salário igual para trabalho igual, pela nacionalização dos bancos e demais monopólios. Sem essas medidas não será possível reorganizar a economia para atender as necessidades populares.

Os brasileiros e brasileiras que viverão para ver os duzentos anos da independência de nossa pátria devem assumir o compromisso de lutar pela segunda e definitiva independência, honrando a memória dos melhores filhos do Brasil, que se bateram em outras épocas para que tivéssemos uma vida digna, muitos com o sacrifício da própria vida. Sejamos dignos dessa história.

# Os trabalhadores brasileiros e as suas tarefas nas lutas de classes

O proletariado brasileiro, juntamente com as demais classes e camadas exploradas em nosso país, estão em uma situação de defensiva estratégica na luta de classes. Apesar do aumento da miséria das massas populares, agravadas pelo aumento do desemprego; as coisas estão sob controle da burguesia.

As lutas dos explorados não param de acontecer, é verdade. Todos os dias, em todos os lugares, ocorrem greves, ocupações de terra, manifestações por melhores condições de vida. No entanto, tais lutas estão divididas e desligadas entre si. Assim, se enfraquecem, facilitam o trabalho da repressão e muitas vezes nem chegam ao conhecimento das pessoas. Isoladas umas das outras, nem se fortalecem, nem conformam uma proposta comum, mais abrangente, que reúna as reivindicações particulares de cada uma.

Já tratamos desse assunto na página sindical da edição #01 do jornal Rumos da Luta. E como lá foi dito, falta no Brasil um partido revolucionário que busque unificar as lutas dos diferentes setores populares em torno de um eixo comum. Se falta um partido revolucionário com inserção de massas, sobram partidos de direita e reformistas (esquerda da ordem), a serviço da burguesia, atuando para desorganizar, para confundir, para desencorajar os trabalhadores, colocando toda a esperança deles nas próximas eleições.

Essas organizações, algumas com um discurso aparentemente radical, buscaram assustar os trabalhadores com a palavra de ordem "Ele não", as vésperas das eleições de 2018. Depois, junto com setores da direita, o presidente do STF, boicotaram a greve prevista para junho de 2019. Com a pandemia, passaram a dizer que nada era possível fazer a não ser assinar pedidos para encurtar o mandato de Bolsonaro. Fracassadas essas tentativas, agora se empenham numa CPI da Covid. Sempre com o objetivo de manter a luta de classes nos gabinetes e corredores do congresso nacional, ou seja, no terreno que interessa às classes dominantes.

Enquanto esses partidos distraem a atenção dos trabalhadores no parlamento, a burguesia segue adiante com os ataques. Nesses últimos meses, após discursos sobre republicanismo e coisas do tipo, os presidentes da Câmara e do Senado trataram de trabalhar para aqueles que de fato mandam, como mostra matéria publicada no Valor Econômico de 30 de março, página C1: "Em menos de 60 dias, Lira e Pacheco aprovaram a autonomia do BC, a PEC dos gatilhos, o veto do saneamento e a reforma do setor de gás natural. Então, desse ponto de vista, a agenda pró-mercado do ministro Paulo Guedes e o Congresso continuam em lua de mel", diz Alexandre Manoel, economista-chefe da MZK Investimentos.

A antecipação da campanha eleitoral também faz parte dessa manobra de distração das classes exploradas. Nas manifestações de 1 de maio, a tônica de alguns discursos eram promessas do candidato que, de acordo com o que disseram, vai nos redimir de todos os males a partir de 2023.

Por essas razões, afirmamos que a correlação de forças na luta de classes permanece favorável à burguesia, que, em que pese o descontentamento social, mantém controlada a situação.

A administração do capitalismo no seu atual estágio tem sido feita, em todas as partes, por governos mais à direita ou mais à esquerda, na medida em que o desgaste provocado pela aplicação das políticas que interessam à burguesia corrói rapidamente a popularidade dos partidos governistas e seus aliados. Tais partidos se revezam na execução de projetos que visam aumentar a exploração dos trabalhadores, rebaixando seus salários, retirando seus direitos, além de abocanhar boa parte do dinheiro dos impostos para o pagamento de juros da dívida pública.

O enfrentamento dessa situação por parte das forças revolucionárias exige a denúncia permanente dos responsáveis pela tragédia social que vivemos, da qual a chacina ocorrida no Jacarezinho no dia 6 de maio é

mais um exemplo. Exige também a denúncia da postura da esquerda da ordem, que, no circo da CPI do Covid, busca, junto com a direita, atrair a atenção do distinto público.

Como já afirmamos, as características cada vez mais predatórias do capitalismo pioram cada vez mais a situação dos trabalhadores e camadas médias e estes não têm outra alternativa que não seja resistir às agressões. Há por essa razão, uma tendência de ascenso das lutas de massa em todo o mundo. O povo colombiano acaba de demonstrar o que afirmamos, em uma memorável jornada de lutas, que custou a vida de pelo menos duas dezenas de pessoas e centenas de feridos e obrigou o governo a recuar em suas pretensões.

Também aqui no Brasil temos desenvolvido importante resistência, mas é preciso avançar, nos organizando para lutar para ganhar e não apenas para não perder. Não devemos esperar que a burguesia e seus governos nos unifiquem, com seus pacotes que retiram nossos direitos. Precisamos intensificar a mobilização social, por reformas estruturais que beneficiem os trabalhadores.

Apoiados nas lutas em curso, como a greve pelo direito à vida dos profissionais em educação do município de São Paulo, mas que é também por uma vida com direitos e nas lutas de outras categorias, como os petroleiros, que ao defenderem seus salários e condições de trabalho, também defendem a Petrobrás, como empresa que deve estar a serviço da soberania nacional, devemos construir uma saída da crise que beneficie as maiorias nacionais.

As forças revolucionárias e patrióticas da sociedade brasileira devem, a partir dos locais de trabalho, estudo e moradia, desencadear o debate sobre a situação que vivemos, organizando um levantamento nacional dos trabalhadores e demais classes e camadas exploradas do povo. O objetivo desse levantamento popular é barrar a regressão social e conquistar um governo revolucionário, radicalmente comprometido com nossos interesses de classe.





# Condições econômicas e perspectivas políticas: crise, desemprego, mortes e eleições

Ford, montadora automotiva; Sony, eletroeletrônica; Mercedes-Benz, montadora automotiva; LafargeHolcim, fabricante de cimento; Cabify, aplicativo de carona; LG, eletroeletrônica; Roche, farmacêutica; Forever 21, varejista; Audi, montadora automotiva. Wendy's, hamburgueria; Glovo, aplicativo de entrega de alimentos (Folha de S. Paulo – 08 de maio de 2021). As empresas citadas são empresas estrangeiras que atuavam no mercado brasileiro e que a partir de 2020 deixaram, gradativamente, o país alegando os mais variados motivos, em especial a queixa sobre o “excesso de direitos” trabalhistas.

Um dado que apreço com menos frequência nos jornais é que levantamento do IBGE divulgado em outubro de 2020 mostra que o Brasil fechou mais empresas do que abriu entre 2014 e 2018. “O estudo Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo 2018 também destaca que a maior taxa de saída das empresas ocorreu no Amazonas. Ao menos 21,6% fecharam as portas nestes cinco anos no estado. A segunda taxa mais alta foi no Pará, com 20,8% e a terceira no Distrito Federal, que registrou 20,7% dos fechamentos. A região Sul, no entanto, concentrou os resultados inversos. Santa Catarina (13,4%), Rio Grande do Sul (15,5%) e Paraná (15,9%) tiveram as menores taxas.” – Site Brasil Atual – 23/10/2020.

No último 11 de abril diretor do Butantan, Dimas Covas, afirmou que a quebra de patentes das vacinas contra o coronavírus não ajudaria ao Brasil, visto que nosso caso não se trata de dificuldades na produção da vacina em função dos insumos, em especial o IFA – ingrediente farmacêutico ativo – mas das condições industriais de produção. Dados da ABIQUIFI – Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos – indicam que em 1980 o Brasil produzia 55% dos insumos farmacêuticos necessários para a produção de vacinas, atualmente só produz 5%.

Dimas Covas apenas assume o que já é conhecido a tempos pelos trabalhadores: nossa capacidade de produção industrial vem sendo sucateada a anos e o resultado para o momento é que não somos capazes de produzir desde máscaras descartáveis até insumos farmacêuticos para a produção de vacinas, ambos adquiridos em massa aos chineses.

## A quem interessa tal sucateamento?

Não resta dúvida que não interessa aos trabalhadores que ao longo dos últimos 40 anos lutam contra o desmonte do parque industrial brasileiro e contra suas consequências explícitas, como o desemprego e o subemprego, como contra suas consequências menos aparentes, como o aprofundamento da

dependência da economia brasileira em relação ao centro do capitalismo. Se não interessa aos trabalhadores interessa a quem?

Pois bem, interessa ao capitalismo que o Brasil se encontre em tamanha situação de dependência.

Ao imperialismo não interessa que o Brasil, bem como outros tantos países de economia capitalista dependente, desenvolva suas forças produtivas a fim de adentrarem o centro do capitalismo, assim como não interessa que por aqui o processo revolucionário destrua o capitalismo e desenvolva nossa economia e sociedade sob as bases do socialismo em transição para o comunismo, portanto, a nós é vedada as condições para desenvolvimento da nossa economia sob qualquer das bases. À primeira estamos subjugados, à segunda estamos desorganizados.

A burguesia brasileira, dependente e subordinada ao centro do imperialismo, abriu mão, e isso não é de hoje, de ocupar o papel central no processo de exploração capitalista no Brasil, preferindo exercer o poder político ao poder econômico, daí não apenas aceitar a destruição do parque industrial que nos foi permitido possuir, em especial a partir da década de 1940, como também defender os benefícios da produção global de bens como princípio para o barateamento dos bens e serviços ofertados a população.

## Terrível engano ou opção esclarecida?

Acreditamos que não houve engano por parte da burguesia brasileira, houve sim uma ação orquestrada deliberadamente para forçar a economia brasileira a fornecer bens de consumo primários e produtos agrícolas, ainda que produzidos com insumos importados a altos custos, como tratamos na edição #02 do jornal Rumos da Luta.

O capitalismo passa por uma crise profunda e busca reorganizar suas forças ao passo que combate pelo mundo as forças que ousam se levantar contra o seu centro. Países são agredidos de forma econômica, com os embargos, ou de forma violenta, com bombardeios e ocupações militarizadas, nada foge ao centro do capital, nada foge ao imperialismo!

Enquanto isso no Brasil, dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – informam que os números de desempregados, desalentados (os que desistiram de procurar emprego) e subempregados se somados chegam a estrondosos 49 milhões de brasileiros, ou ¼ do total da população ou pouco mais de 50% da população economicamente ativa, sem nunca nos esquecermos dos mais de 425 mil mortos pela pandemia do coronavírus.

Mas o 1º de maio no Brasil, dia histórico na luta dos trabalhadores pelo mundo, foi tomado pela campanha eleitoral Lula 2022, ao invés de contribuir com a organização dos trabalhadores para lutar por suas bandeiras. Porém, a opção de parte das lideranças petistas

e aliadas que atuam dentro das organizações dos trabalhadores tem o seu preço.

Ao optarem por defenderem os interesses políticos partidários petistas dentro das organizações dos trabalhadores e ao defenderem a pauta eleitoral em detrimento das bandeiras dos trabalhadores, estas lideranças contribuem para a descrença de parcela substancial da classe no processo eleitoral e descredita as organizações entre os trabalhadores. O tiro saiu pela culatra, mas atingiu a eles e a nós, ao trabalharem para ampliar a base de aceitação do seu candidato, sacrificam as bandeiras e as organizações dos trabalhadores.

O resultado dessa longa política entre as massas, aliada a pandemia, reflete-se na baixa adesão aos atos convocados para o 1º de maio.

## E o que nos resta?

Resta-nos nos voltarmos para nossas organizações, ocupa-las e para definir os rumos que precisamos adotar na luta da classe trabalhadora, forçar que os sindicatos estabeleçam em suas fileiras a luta em dois níveis: por melhorias econômicas e nas condições de trabalho, luta econômica; pela conquista do poder pelos trabalhadores, pela revolução, luta política.

Impera sobre nós o sindicalismo de resultado, ou seja, o sindicalismo cuja luta concentra-se na melhoria da condição econômica da categoria representada, mas que não atua na educação desta categoria para as lutas gerais que dizem respeito aos direitos de todos os trabalhadores, direitos como a redução de jornada sem redução de salário, defesa de um sistema único de saúde que não permita a existência de sistemas privados, defesa de estudo para todos, e em todos os níveis, em instituições públicas, laicas e gratuitas, defesa de um sistema de previdência social justo, público e capaz de atender plenamente aos trabalhadores aposentados, defesa da reforma agrária, defesa da moradia e tantas outras.

Enfim, é preciso que os trabalhadores percebam os riscos que corremos ao deixarmos que nossas organizações sejam dirigidas por interesses que não nos representam como classe e estabelecermos outras bases para nossas reivindicações históricas.

Os trabalhadores estão vivendo nas piores condições e torna-se urgente que nossa luta sejam outras, 2022 está logo aí, mas não podemos nos esquecer que aqueles que se colocam em cena com as supostas intenções de nos defender nos governos já estiveram lá por muitos anos e nem por isso romperam com as estruturas que nos mantêm na opressão, ao contrário, se colocaram, como agora voltam a se colocar, como diligentes administradores dos interesses burgueses.

Não aceitemos as migalhas, sejamos os agentes que construirão as condições para que possamos alcançar o dia em que tomaremos tudo o que deveria nos pertencer.

# A combativa luta do povo colombiano contra a reforma tributária e a violência do seu governo reacionário

No começo do mês de maio, apesar da tentativa da grande mídia brasileira de não repercutir, nos chegaram as imagens dos grandes protestos ocorridos na Colômbia, onde trabalhadores, camponeses, indígenas e estudantes se manifestavam contra o Governo e foram brutalmente reprimidos pelo aparato policial do país.

A movimentação iniciou no dia 28 de abril, logo após o governo de Ivan Duque ter anunciado o projeto nomeado como “Lei da Solidariedade Sustentável” (Ley de Solidariedad Sostenible) que previa taxar todos os colombianos, mesmo os mais pobres, que estavam isentos até então, além de aumentos de tarifas de serviços essenciais como água, gás e energia elétrica.

Em um cenário de crise política que se arrasta há anos e diante do grande estrago causado pela pandemia do novo coronavírus no país, os trabalhadores e trabalhadoras colombianos se mobilizaram em uma combativa greve geral, que conseguiu parar todo o país contra mais essa tentativa de fazer o povo pagar a conta da crise, medida sempre comum na América Latina.

Contudo, graças a ação decisiva dos sindicatos, entidades estudantis e indígenas, a greve geral teve resultados positivos desde os primeiros dias. Diante do rechaço geral popular frente a tentativa de impor uma reforma tributária, foi apresentada a renúncia do ministro da Fazenda, Alberto Carrasquilla, figura próxima de Álvaro Uribe, o grande fantoche do



imperialismo ianque no país.

Contudo, a violenta repressão das forças policiais aos manifestantes que se reuniram por todo o país, fez com que os patriotas seguissem nas ruas até aqui, denunciando o desastre do governo Duque e a violência deliberada contra a luta das massas. Foram registradas agressões, tiros de armas de fogo e prisões arbitrárias contra os manifestantes, um saldo de mais de mil feridos, pessoas desaparecidas, mulheres estupradas, além de ao menos 42 pessoas assassinadas pelas forças especiais do governo.

A atual mobilização é em certa medida

uma continuidade de outros grandes protestos ocorridos recentemente no país, como a grande greve do povo negro pelo reconhecimento de direitos básicos em 2017, e a greve geral de 21 de novembro de 2019, contra a violência policial.

Mesmo diante da brutal repressão, a brava luta dos colombianos é um exemplo para toda a América Latina e para nós, brasileiros, demonstrando que mesmo diante de um governo fantoche do imperialismo e que emprega toda a violência contra sua população, é possível se mobilizar e barrar as medidas antipovo que tentam enfiar goela abaixo dos pobres.

## ISRAEL IMPÕE GENOCÍDIO NA PALESTINA



Em todo dia 15 de maio, é lembrado pelo povo palestino o Nakba, ou “catástrofe”, dia que marca o início da ocupação israelense na Palestina, quando mais de 600 cidades e vilas foram destruídas por ataques criminosos dos sionistas e mais de 800 mil palestinos foram expulsos de suas terras.

Passados 73 anos da ocupação sionista na Palestina, os crimes dos sionistas não cessaram. O mês de maio presenciou uma escalada da violência tanto dos colonos israelenses e suas milícias em Jerusalém Oriental (ou, Al Quds, para os palestinos) quanto do Estado, liderado pelo reacionário Benjamin Netanyahu, que usou suas forças armadas para bombardear a Faixa de Gaza.

Durante todo o período do Ramadã, período de celebração da fé para os muçulmanos, os israelenses já haviam impostos

restrições ao acesso dos palestinos ao Al-Haram al-Sharif (o Nobre Santuário), o complexo na Cidade Antiga de Jerusalém que abriga a mesquita – e que inclui também o Domo da Rocha e outros locais sagrados do Islamismo. Ao mesmo tempo, as autoridades israelenses estavam apoiando os despejos de palestinos no bairro de Sheikh Jarrah, na ocupada Jerusalém Oriental.

Na última sexta-feira do Ramadã, as forças israelenses atacaram a Mesquita de Al Aqsa, o terceiro local mais sagrado do Islã, disparando gás lacrimogêneo, granadas de choque e balas de borracha, ferindo centenas de palestinos que protestavam contra os despejos ilegais.

Essas tentativas de assentamentos ilegais em áreas habitadas pelos palestinos é uma ação recorrente do Estado de Israel e

condenada por toda a comunidade internacional, a exceção dos Estados Unidos, que seguem como o grande fiador do regime de apartheid de Israel. O Conselho de Segurança da ONU já afirmou por diversas vezes que os assentamentos são “uma violação flagrante da legislação internacional”.

Diante de mais essa violação aos direitos dos palestinos, o Hamas e a Jihad Islâmica lançaram foguetes contra Israel depois de ter visto desrespeitado seu ultimato para a retirada das forças militares de Al Aqsa e Sheikh Jarrah.

A resposta do Estado sionista foi o bombardeio indiscriminado da Faixa de Gaza, destruindo prédios públicos, sedes de imprensa e moradias na região, que até aqui deixou cerca de 212 palestinos mortos, dentre os quais, 58 crianças e adolescentes.

O que chega aqui até nós é de que se trata de que os ataques militares de Israel é uma tentativa de combate ao “terrorismo” em um suposto conflito. O que a grande mídia, patrocinada pelos interesses de sempre, tentam esconder são os crimes de Israel, suas provocações às cerimônias religiosas dos palestinos, o desrespeito à lei internacional e o bombardeio de casas e massacre de civis inocentes. Não há dois lados iguais nessa história: o que há é um país erguido sob uma ocupação por motivações aparentemente religiosas e que impõe uma limpeza étnica apoiada pela maior potência imperialista, e do outro o bravo povo palestino, que há mais de sete décadas resiste a ocupação sionista e luta pela libertação nacional de seu povo e o retorno as suas terras.



## Como no Jacarezinho, polícia segue a matar a juventude pobre e negra

O massacre executado pela polícia na comunidade do Jacarezinho, no Rio de Janeiro (RJ), no começo de maio, já é considerada a operação mais letal da história da polícia civil em números. Mas muito mais do que isso, evidencia claramente o conteúdo político que está por detrás deste tipo de terrorismo de Estado, tão comum em nosso país. Ao menos 29 pessoas foram assassinadas pelas forças policiais do velho Estado Brasileiro em mais uma operação violenta em áreas empobrecidas da capital fluminense.

Evidentemente, é possível apontar os inúmeros problemas da operação, seja do ponto de vista jurídico, técnico, moral ou mesmo sanitário, mas ressaltamos mais uma vez o sentido político de mais este ataque contra o nosso povo.

Do ponto de vista legal, é inútil indicar que os motivos alegados, de combate ao aliciamento de jovens pelo tráfico, ou os mandatos emitidos justificados por fotos de pessoas nas redes sociais que caracterizaria associação ao tráfico de drogas, são meras aparências usadas, desde sempre, para legitimar a violência escancarada contra as comunidades pobres, sob uma desculpa de uma suposta proteção da juventude.

As leis não funcionam como tentam

fazer parecer os defensores da democracia burguesa no Brasil. Mesmo com a proibição de operações policiais em favelas do Rio de Janeiro decidida pelo ministro Edson Fachin em junho de 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, as forças policiais fluminenses seguiram suas ações truculentas. Só no começo do ano, em janeiro de fevereiro, foram registradas nove chacinas em operações policiais no Estado, produzindo um total de 39 mortes.

A morte do PM André Leonardo de Mello Frias desencadeou e motivou as execuções sumárias, a invasão de barracos e casas, uso de veículos blindados e helicópteros para ameaçar e atacar os moradores e causar a matança no Jacarezinho. E esse episódio ilustram bem o modo de agir das polícias não só no Rio de Janeiro, como no restante do país.

E a justificativa de ação em defesa da juventude vítima do tráfico é uma conversa para boi dormir que qualquer um que conhece a realidade das periferias pelo país sabe bem.

Além da juventude, negra e pobre principalmente, não ter acesso a direitos básicos como a educação, a saúde e o lazer, são considerados pela polícia o perfil típico de suspeitos de crimes e tratados violentamente em abordagens e detenções arbitrárias nas grandes cidades.

Segundo levantamento publicado pelo site G1, a polícia foi responsável pela morte, no ano passado, de 5660 brasileiros e brasileiras. No ano anterior, já haviam sido registrados 5829 casos de letalidade policial.

Nem mesmo as crianças escapam dessa violência. Segundo o site Fogo Cruzado, de 2016 a 2021, cem crianças foram baleadas na região metropolitana do Rio de Janeiro, destas, 39 foram baleadas em ações com a presença de agentes de segurança, com 10 morrendo na ocasião. Casos como a morte do menino João Pedro, de 14 anos, e a menina Ágatha Felix, de 8 anos, ilustram bem essa tragédia.

A situação na periferia de São Paulo também não é diferente. No Extremo leste da cidade de São Paulo, o bairro de Cidade Tiradentes foi recordista do registro de mortes pela polícia, somando 21 casos em 2019 e 2020. A letalidade policial não é coincidência na região cuja população é, em sua maioria, formada por pessoas pobres e negras.

E o racismo que permeia a nossa sociedade fica claro nos números. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Todo ano, 23 mil jovens negros de 15 a 29 anos são mortos. Desta forma, o risco de morte de jovens negros aumenta 2,7 mais em relação aos brancos.



### Alípio, Colombo, presentes!

No dia 22 de abril, faleceu Alípio Freire, ex-militante da Ala Vermelha, dissidência do PC do B. A morte se deu após vinte dias de internação por Covid-19. Alípio combateu a ditadura militar instaurada em 1964 e por isso passou por cinco anos de prisão no Presídio Tiradentes em São Paulo, sendo vítima de torturas. Estas, no entanto, não lhe retiraram as convicções, que manteve até o final de sua vida. No dia 25 do mesmo mês, perdemos o camarada Colombo Vieira de Souza Junior, ex-militante da ALN (Ação Libertadora Nacional). Colombo também combateu o regime instaurado com o golpe de Estado de 1964 e assim como aquele, sofreu as consequências de prisão e tortura. Registramos aqui a nossa homenagem a esses dois representantes de uma geração que lutou contra a exploração e a opressão do nosso povo. Que seu exemplo estimule as novas gerações de revolucionários. Alípio, Colombo, presentes. Agora. E sempre!

# Desemprego, violência, pandemia: mais mulheres jogadas à prostituição



Com 14,4 milhões de desempregados e 34 milhões de trabalhadores na informalidade (dados divulgados pelo IBGE em 30 de abril de 2021), os brasileiros veem e sentem, dia após dia, a fome e a miséria se alastrarem pelos quatro cantos do país. Nesse cenário, as mulheres são as mais afetadas; entre elas, a taxa de desocupação atingiu a marca de 16,4 pontos percentuais em 2020; quando olhamos para os dados referentes ao desemprego entre as mulheres negras, a taxa é ainda mais alarmante, alcançando, também em 2020, 19,8%. Todos esses dados foram abordados em nossa última edição, em texto sobre o desemprego entre as brasileiras.

Em um contexto de agravamento da crise econômica, com a pandemia servindo de alavanca para as políticas neoliberais e de austeridade – disfarce que cai como uma luva para a defesa dos interesses das classes dominantes –, com a maior parte da população entre a morte pela Covid-19 e a fome pela falta de oportunidades de trabalho e de auxílio do Estado, muitas mulheres foram jogadas à prostituição. Denominadores comuns entre elas são: a pobreza; a submissão aos assédios moral e sexual, às agressões físicas e ao estupro. Em um cenário pandêmico, essas mulheres também estão mais expostas ao coronavírus, pois seu ganha pão não permite que as medidas de segurança sanitária sejam respeitadas.

A maior parte das atividades ligadas à prostituição acontecem em espaços públicos e muitas dessas mulheres ou já esteve ou ainda se encontra em situação de rua. As rodovias do país também são pontos de prostituição e de exploração sexual, inclusive infantil. “No Brasil, 3.651 pontos vulneráveis para ocorrência do crime foram levantados no biênio 2019/2020. No estudo anterior eram 2.487, o que representa aumento de 47%. A BR-116 é a rodovia federal com o maior número de pontos críticos, mesmo com uma diminuição de

30% em relação ao biênio anterior. Na sequência aparecem as rodovias 101, 153, 010 e 040”.

Na reportagem “Em cenário de pandemia, é preciso ainda mais falar sobre prostituição”, a juíza do trabalho Lisandra Cristina Lopes chama a atenção para o fato de a prostituição ser “um assunto que precisa ser discutido, pois ele atravessa outros temas de máxima relevância: feminização da pobreza, sustento de famílias, sexismo, violência real e simbólica, tráfico de pessoas, exploração sexual de crianças e adolescentes”. Além disso, a essas mulheres está sendo negado o direito ao distanciamento social, já que são uma parcela da população invisibilizada e, quando submetidas aos mandos de proxenetas e cafetões, não possuem nenhuma autonomia sobre a atividade que desempenham, sendo obrigadas a trabalhar para pagar as despesas dos hotéis e pensões em que vivem.

O Brasil possui uma população de 1,4 milhão de pessoas trans, sendo que 90% sobrevive do mercado do sexo, é dizer, tem a prostituição como fonte primária de renda (dados divulgados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Os crimes cometidos contra essa população estão intrinsecamente ligados a esse fator; tanto os assassinatos quanto os estupros, espancamentos e ameaças são decorrentes da ideologia patriarcal em geral e da condição de prostituição em específico. A expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos de idade. A sexualização das mulheres, em particular das mulheres negras e trans, deve ser tratada como um problema social. Essas sofrem ainda mais com a falta de oportunidades de trabalho e acabam sendo obrigadas a entrar para a prostituição. Elas são as mais acometidas pela exploração sexual, o que demonstra a inter-relação dessas particularidades na questão da mulher. Não por acaso, as taxas de desocupação também são as mais altas entre essas mulheres. As mulheres negras, escravizadas desde os tempos

da colonização, entram como o maior percentual de trabalhadoras que não possuem carteira assinada, tendo de se submeter ao trabalho doméstico e/ou outros serviços precarizados, como é o caso da prostituição. Reflexo de nosso passado colonial, de nosso caráter semicolonial e semifeudal.

De acordo com o Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020, no ano retratado, “71% dos assassinatos aconteceram em espaços públicos, tendo sido identificado que pelo menos 8 vítimas se encontravam em situação de rua. Também foi identificado que pelo menos 72% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres transexuais profissionais do sexo, que são as mais expostas à violência direta e vivenciam o estigma que os processos de marginalização impõem a essas profissionais. É exatamente dentro desse cenário em que se encontra a maioria esmagadora das vítimas, tendo sido empurradas para a prostituição compulsoriamente pela falta de oportunidades, encontrando-se em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência, a toda a sorte de agressões físicas e psicológicas”.

Apesar das divergências existentes entre as concepções feministas em relação à regulamentação ou não desse trabalho, e do alcance dessa problemática à todas as mulheres, sabemos que não devemos corroborar com a objetificação da mulher – ligada à concepção de reificação elaborada por Marx, uma vez que se trata da coisificação extrema das mulheres, tal como acontece, de um modo geral, com todos os trabalhadores na sociedade capitalista. Assim, a luta contra as precárias condições de trabalho, contra a violência e contra o feminicídio perpassa e se integra a erradicação da prostituição; afinal, quase todas as mulheres que são lançadas a esse tipo de exploração, salvo raríssimos casos, o fazem por não terem outra opção.



## As trabalhadoras do ABC

O filme *Garotas do ABC* retrata de forma ácida a realidade vivida por tantos trabalhadores das indústrias e fábricas têxteis. A trama se passa em São Bernardo do Campo, cidade que pertence à região metropolitana do ABC paulista. O filme, lançado em 2004, tem como uma de suas marcas o recorte histórico do novo sindicalismo crescente e sucedido pela vitória do ex-presidente petista Luiz Inácio Lula da Silva em 2002.

O diretor Carlos Reichenbach, já conhecido por seu estilo de representar a vida em grandes cidades, mais uma vez entrega uma produção que aborda temas sérios como a decadência humana em meio às relações sociais, racismo e xenofobia, com um senso de humor irônico e estereotipado, apoiando-se na sexualidade e nas simbologias para causar incômodo ao espectador.

Aurélia (representada por Michelle Valle) é a protagonista da história, e vive em uma posição ambígua; proletária e mulher negra, ela namora Fábio Tavares (Fernando Paivão), homem branco e racista. Muito longe de ser

uma relação simplista, Aurélia sonha em ter um homem como Arnold Schwarzenegger, e Fábio se mostra em conflito quanto ao porquê deseja a jovem, o que resulta em uma série de problemáticas ao decorrer do enredo.

Dentre as demais garotas do ABC que trabalham na fábrica têxtil, é válido destacar a personagem Suzana (Luciele di Camargo). Símbolo de mulher que se resguarda, ela coleciona machucados causados por acidentes nas máquinas da indústria, consequentemente fazendo ela receber indenizações; mas muitas outras motivações podem ser especuladas para ela ter tantas cicatrizes.

Paula Néelson (Natália Lorda) é a mulher que une as proletárias, sempre tentando manter um ambiente de paz entre elas, por isso é frequentemente importunada pelo André Luiz (Dionísio Neto), líder sindical que tenta trazê-la para o lado do Partido sob o pressuposto da luta para ter condições melhores de trabalho. Em seu oposto está Saleziano de Carvalho (Selton Mello), filho do dono de uma pedreira, um dos representantes dos pensamentos in-

tegralistas, movimento fascista, conservador e corporativista. Ele comanda um pequeno grupo de neonazistas, especialistas em atentados contra nordestinos. Apesar da posição em que está, Saleziano tem como aliados um grupo de homens brancos, em maioria metalúrgicos, que atribuem aos migrantes nordestinos a falta de emprego.

Em contraponto com o grupo pouco organizado e patético de Saleziano, existem os Justiceiros, homens que partilham de pensamentos parecidos, porém não querem seu nome envolvido em confusões, brigas de saída de bar – trata-se do grupo que faz justiça com as próprias mãos, como descrito na obra “Não machuca, mas marca e mata”, e não fica contente com o aparecimento dos neonazistas.

Como pontos chave de intercessão no meio de antagonismos sociais, está o jornalista Nelson Torres (Ênio Gonçalves), conhecido por ter a imunidade de imprensa, tendo livre acesso e informações dos grupos representados. Ele é chamado pelo líder sindical de “Libertário anarquista, último socialista utópico”. Ademais temos a polícia, que é retratada de forma irônica, adotando a posição de que entende que a segurança privada é necessária e que nada a própria organização tem a ver com os chamados pedágios – nome dado à cobrança feita normalmente pelos justiceiros da região a quem quiser viver em paz, como o dono do bar que é frequentado pelos ditos Pernambucanos.

O arco do filme pode ser dividido em duas grandes partes chamadas de “Trabalho” e “Tempo Livre”, tem como uma das cenas de desfecho o confronto entre os neonazistas de Saleziano e os trabalhadores que estão festejando no clube Democratas.

Marcados por relações de classe, raça e gênero, *Garotas do ABC* passa longe de ser um exemplo idealizado de perfeições de classe, mostrando uma realidade de conflitos entre pessoas que têm qualidades e defeitos, amam e brigam, e que não foram esquecidos, hoje em dia podendo ajudar a explicar a ascensão da direita conservadora no Brasil.

## BRASIL: PELA SEGUNDA E DEFINITIVA INDEPENDÊNCIA

### Jornada de agitação da campanha em 18 de junho

A campanha Brasil pela Segunda e Definitiva Independência está convocando uma jornada de agitação para o próximo dia 18 de junho em diversas cidades no país.

Em um momento que a crise política, econômica, social e sanitária afeta dramaticamente todos os brasileiros e brasileiras por todo território nacional, é necessário que os militantes e simpatizantes da campanha se engajem na divulgação do programa e dos pontos da campanha, apresentando assim uma saída para o nosso país, que vai além das meras esperanças eleitoreiras repetidas mil vezes a cada dois anos, mas que nada resultam para a resolução dos problemas fundamentais.

Convocamos que todos participem das atividades das panfletagens do manifesto da campanha (disponível também na página do Facebook) e de outros materiais da campanha, que participem das atividades de ruas, para conversar com os trabalhadores e trabalhadoras sobre o que a campanha propõe e o caminho para a saída do nosso país dessa crise permanente.

É importante que denunciemos os interesses por detrás da grave situação a qual nosso povo foi submetido, quem ganha com a miséria e morte de milhares de milhares de pessoas por todo o país; explicar porque o Brasil se afunda cada vez e a quem interessa a

entrega de nossas riquezas aos imperialistas, a destruição da nossa indústria, a exploração brutal dos trabalhadores e a retirada dos direitos básicos conquistados à custa de muito sangue e suor. O editorial da primeira edição do *Rumos da Luta* aponta diretamente quem são esses elementos: a burguesia e outros setores privilegiados em nossa sociedade.

É fundamental que aumentemos cada vez mais a difusão da necessidade da luta pela segunda e definitiva independência do Brasil, para apontar o caminho concreto da luta de classes, para que avancemos para além do oportunismo e possamos lutar pela libertação nacional do nosso país.

**rumos  
da luta**

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

#### APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal, desenvolvemos um processo de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa um exemplar e assim também contribui com o desenvolvimento da nossa publicação.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie um e-mail para [rumosdaluta@gmail.com](mailto:rumosdaluta@gmail.com) ou pelo site [www.novacultura.info/jornal](http://www.novacultura.info/jornal)